RELATO DE EXPERIÊNCIA POR ELIZABETE FATIMA FLORES [1], COMISSÃO PASTORAL DA TERRA-MT

Elizabete, gaúcha de nascimento, mato-grossense de coração. Há 32 anos (18-07-1987) mudei para MT junto com toda família. Filha de camponeses, fomos 'expulsos' do campo no sul do País, endividado com a empresa de cigarros Souza Cruz, meu pai se viu forçado a vender nossa pequena terra e mudar para MT em busca de terra e de uma vida melhor. 'Terras sem homens para homens sem-terra' era o lema que se ouvia, segundo contava meu pai, o que depois que comecei a militar e estudar a verdadeira história da terra no Brasil entendi o significado desse lema e o impacto do mesmo na vida de milhares de famílias camponesas. Chegando em MT nunca mais minha família teve contato com a terra, pois o pouco dinheiro da terra vendida não dava para adquirir nenhuma terra em Primavera do Leste (hoje conhecida como cidade dos gaúchos). Comerciante foi o destino de minha família.

Mas eu sempre sonhei em ser juíza, um sonho bem audacioso para filha de família pobre dizia minha mãe. Mas não desisti. Muito cedo saí de casa. Trabalhava o dia todo e estudava a noite. Quando terminei o ensino médio me mudei para Cuiabá. Para estudar direito, enquanto era bancária, até me formar no final de 2002.

E em 2003, começa a junção das forças do Universo para minha mudança de vida, com minha aproximação com a igreja dos pobres do querido Bispo Pedro Casaldáliga.

Em todos meus anos de MT não tinha ouvido falar, ou se ouvi não me chamou a atenção, na Região do Araguaia, nem mesmo da Prelazia de São Felix do Araguaia. Foi então que uma colega de faculdade me convidou para ir advogar no interior. Fui parar na Cidade de Ribeirão Cascalheira, região de grandes fazendas, muito promissora para duas jovens advogadas.

Cheia de sonhos (o principal era ganhar muito dinheiro) fui me aventurar nas terras do Araguaia, mal sabia eu o que me aguardava! Em poucos meses 'pegamos' a primeira grande causa. Era tanto dinheiro que acho que na minha vida toda não tinha ganhado o que recebemos de um grande fazendeiro para 'regularizar' suas terras. A partir daí as coisas só melhoravam. Surgiram amizades com as famílias ricas da região, comerciantes importantes, engenheiros agrônomos, ...

Com o passar dos meses, devido à minha formação católica, aos poucos comecei a me aproximar da igreja. Era uma igreja bem diferente da que eu costumava participar na capital. O povo participava do processo da liturgia, as reflexões nos 'sermões' falavam da realidade, de luta,

[1] Mestranda em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

resistência, organização, dor, fé, esperança. Falava da Vida. Vida do povo pobre daquela região e de tantas outras regiões do Brasil e do mundo. No início achei meio estranho aquilo tudo, mas fui gostando, uma vez que em Cuiabá fazia trabalhos assistencialistas de caridade.

Todo mundo falava muito do Pedro (Bispo Pedro Casaldáliga), contavam sua vida, dedicação, lutas, histórias, principalmente a do Padre João Bosco Burnier, pois foi em Ribeirão Cascalheira, que o mesmo foi assassinado, confundido com Pedro Casaldáliga, local onde está o Santuário dos Mártires da Caminhada. Conheci a história da Prelazia de São Felix do Araguaia, a luta de Pedro junto com os agentes de pastoral e as comunidades para resistir aos ataques do latifúndio.

Com a ajuda de muitas companheiras e companheiros, me embrenhei no meio do Povo, fazendo trabalhos de caridade com idosos, participando das atividades da igreja, fazendo formação bíblica com o povo, com a juventude, dar catequese para as crianças da periferia, trabalhar alfabetização com os adultos de uma ocupação vizinha à minha casa. Mas continuava advogando para os fazendeiros (que já não me viam como os mesmos olhos). Levando meio que uma vida 'dupla'. Essa situação me atormentava, inquietava. Um pé em cada mundo. Não dava mais.

Somado a isso o fato de que nas Eleições municipais de 2008, juntamente com um grupo de pessoas, levamos o Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral – MCCE para Ribeirão Cascalheira, com o apoio do MPE e da OAB. No Araguaia, como em outras regiões do estado, o coronelismo imperava e a compra de votos era o que garantia a eleição dos coronéis.

No dia do lançamento da campanha do MCCE na Câmara Municipal de Vereadores (que estava lotada) fui ameaçada por um dos candidatos, Adário Carneiro (pistoleiro famoso na região pela prática de grilagem de terra, junto com o famoso 'Gilbertão' de Rondonópolis, e que foi preso pela PF e assassinado em 2015, tendo inclusive a OAB MT e o MCCE emitido uma nota de apoio e repúdio à ameaça sofrida por mim. Depois várias pessoas que se juntaram nessa luta também foram ameaçadas de morte. Foram meses difíceis, pois as ameaças eram constantes, principalmente à minha filha, na época com 8 anos de idade.

Esse enfrentamento me mostrou a luta de classes frente a frente. Quem eram os inimigos, quem provocava a miséria e dor no povo. A partir disso foi impossível continuar em Ribeirão Cascalheira, pois as pessoas para quem eu advogava não pertenciam à classe trabalhadora, aliás, era quem a oprimia e explorava. Foi quando decidi, em 2009, mudar para Barra do Garças, juntamente com minha família. Com alguns meses em Barra do Graças, começamos a fazer trabalho na periferia da cidade, ajudando as famílias que estavam fazendo ocupações urbanas por não terem onde morar, novamente um trabalho mais solidário e assistencialista.

Comecei a advogar novamente, mas desta vez somente para trabalhadores e trabalhadoras na área previdenciária e trabalhista. Umas das minhas primeiras ações trabalhistas foi para um grupo de trabalhadores que cortavam eucalipto numa fazenda em Nova Xavantina, para ser entregue na JBS em

Barra do Garças. Haviam cortado muito eucalipto e não haviam recebido o devido pagamento, além de serem alojados em barracos de lonas, vivendo em situação degradante. Lembro que fiquei indignada com a situação, mas quase nada pude fazer.

Em 2010 fui convidada para contribuir nos trabalhos da Comissão Pastoral da Terra em CPT, mais diretamente na campanha de prevenção e combate ao trabalho escravo 'De Olho aberto para Não virar Escravo', campanha que a CPT realiza desde 1997. No início fiquei meio sem saber se aceitava ou não, pois, tirando o trabalho escravo colonial, nunca tinha ouvido falar em trabalho escravo.

Antes de aceitar o convite quis conhecer um pouco essa realidade. Ao me debruçar sobre esse tema fiquei chocada com tudo o que li e assisti, como admitir que em pleno século XXI as pessoas ainda são tratadas como mercadorias, como peças da engrenagem que só visa o lucro, destituídas de toda sua humanidade. A partir daí aceitei militar na CPT. Esse 'sim' levou a várias mudanças na minha vida. Foi quando comecei a estudar a realidade agrária brasileira, a raiz de todas as desigualdades sociais no Brasil. Com pouco meses atuando na CPT larguei a advocacia de vez.

Em 2011, por força da necessidade de estar mais próxima da sede da CPT e das articulações com movimentos sociais e devido às exigências da militância, me mudei para Cuiabá, com toda a família, onde estou até hoje.

A minha relação direta com as bases, a relação com os sujeitos que foram e são marginalizados (sem terras, sem tetos, assentados, comunidades tradicionais, mulheres, idosos, etc.), com os grupos sociais, com os órgãos públicos e aparelhos do Estado, me mostrou como a luta é, por um lado árdua, e pelo outro gratificante.

Árdua porque os desafios são muitos, o Estado é omisso e conivente com toda a situação de violência e exclusão do Povo do campo, até porque MT é o Estado do agronegócio, que domina os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). A violência vivida pelo povo do campo é extrema e a sensação de impotência reina. Uma coisa é você ouvir no noticiário a violência sofrida pelo povo do campo, outra, é você vivenciar, sentir junto com o povo essa violência no cotidiano, que vai desde ser escravizado, a sofrer ameaças e por fim ser assassinado como a chacina que ocorreu no mês de abril de 2017 no município de Colniza, onde passei uma semana junto aos familiares dos trabalhadores assassinados.

Gratificante por ver Resistência, Esperança e Fé, suas pequenas vitórias. Se organizam, lutam por seus direitos, acreditam, cansam, mas logo voltam a lutar. Gratificante ver uma liderança tomar consciência política da importância do seu papel, de ver essa liderança lutar pelos direitos da classe trabalhadora. Se essa liderança for uma mulher então...os olhos brilham.... É inacreditável a força de vontade, Resistência e Esperança do povo, pois mesmo contra toda a adversidade da realidade, eles acreditam na vitória e nós acreditamos no povo, pois a real transformação da sociedade só acontecerá quando vir da classe trabalhadora.

Essa relação/vivência com o outro, com os diversos sujeitos históricos marginalizados, excluídos, não só de direitos, mas do acesso ao trabalho, à Vida e a tudo o que é humanizante, junto com a Teologia da Libertação e a consciência política da luta de classe teceu a Bete de hoje, como os 'Retalhos' de Cora Coralina – *"Sou feito de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humano, mais completo."* – Que deixou de fazer um trabalho humanista solidário para militar, junto com o povo e não pelo povo, pois o protagonismo deve ser sempre do povo, lutando por uma transformação social, pela justa distribuição da terra, pois somente a partir dessa mudança estrutural é que a sociedade brasileira irá pagar sua conta, principalmente, com povo negro e pobre, construindo uma sociedade mais justa e fraterna. Derrubando todas as cercas, como diz nosso querido Bispo Pedro Casáldáliga.

'Malditas sejam todas as cercas!
Malditas todas as propriedades privadas
que nos privam de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis, amanhadas por
umas poucas mãos, para ampararem cercas e
bois e fazerem da terra escrava e escravos os homens!